

Perplexidades eleitorais

JORNAL DE BRASIL

10 JAN 1986

cmc p. 2

Um dos mais dramáticos aspectos da atual realidade política do País é a completa escassez de quadros e bandeiras para a sucessão presidencial que está chegando. Praticamente não há, no acervo partidário, o que empolgar a Nação e fazê-la acreditar na viabilidade de uma solução eleitoral para a crise. O que torna a crise mais grave e inquietante.

A reunião dos históricos do PMDB não foi capaz de produzir uma expectativa nova, nem poderia fazê-lo, porque efetivamente o partido encarna, como a Arena e o PDS do passado, a crise de credibilidade que já há algum tempo tomou de assalto toda a classe política brasileira. O que a candidatura do deputado Ulysses Guimarães pode oferecer ao País após a desastrosa atuação do PMDB no Governo? Que outra candidatura o partido produziu, no seu espectro ortodoxo, para resacender na sociedade a fé na boa fé dos políticos?

O PMDB chegará às eleições com uma herança perversa. Ele disse ao povo que a solução dos problemas do País era expulsar os militares do poder; mais tarde apontou a moratória como panacéia para todas as nossas crises; depois a Constituinte, instrumento miraculoso da prosperidade e da honança. Tudo se fez conforme sua prescrição, mas nada aconteceu, nem haveria de acontecer. Agora, frustradas as outras bandeiras, ergue-se o mastro da eleição direta e da substituição do presidente José Sarney. O povo não acreditará, a menos que o partido mostre algo efetivamen-

te novo, mais novo do que aquilo que nos mostra o seu quadro de históricos.

Sem menosprezo à grande contribuição que efetivamente deu à história recente do País, reconhecemos que o deputado Ulysses Guimarães simboliza toda a desastrosa trajetória do PMDB pelo Governo, como o mostram as pesquisas que o apontam, superado só pelo general Figueiredo, como o político mais rejeitado pela opinião pública. Não é ele, senão na homenagem dos seus pares, o homem adequado à mudança. Os episódios das suas sucessivas intervenções na administração Sarney desgastaram-no porque foram intervenções mal-sucedidas. Os outros, todos eles, padecem da mesma enfermidade: Qual a saída?

A saída tem de ser buscada pelos partidos, ainda que fora dos seus próprios quadros. A saída é, em primeiro lugar, a restauração da confiança da sociedade na capacidade da classe política. Qualquer outro caminho será inútil porque nada funciona, nem as políticas econômicas mais coerentes, sem o pressuposto da aceitação e da adesão do meio social. Sozinho, o Governo nada poderá fazer.

A restauração da confiança passa compulsoriamente por um acordo — hipótese onírica, sem dúvida, mas a única hipótese — entre os partidos, os trabalhadores, os empresários e o Governo. Não um acordo em torno de políticas governamentais porque não há mais tempo para implementá-las, mas um acordo capaz de criar uma alternativa eleitoral ao quadro que

está posto. É preciso que se criem as condições políticas para o surgimento de uma candidatura não maculada pelo descrédito que inviabiliza a todos os profissionais da política. Impõe-se o surgimento de algo novo, verdadeiramente novo, para suceder às fórmulas antigas que o quadro partidário nos oferece.

Não é típico dos processos políticos, e é completamente alheio ao processo brasileiro, uma fórmula como a que imaginamos. Basta ver o que ocorre na Constituinte. O desacordo, até em questões que pareciam consensuais, é a constante. Triunfam o voluntarismo, a busca do poder pessoal, a vaidade. Mas devemos, ainda que ingenuamente, confiar. Talvez num espasmo de patriotismo a liderança possa compreender aquilo que o povo já compreendeu: não haverá solução alguma para os problemas do País se não houver um gesto coletivo de renúncia a ambições pessoais em favor de um nome que, embora não constitua em si mesmo uma garantia, possa pelo menos apresentar-se à Nação como alguém não desgastado pela história de insucessos que desgastou a vida pública no País.

Se uma alternativa como esta não puder se materializar, e tudo indica que será assim, as próximas eleições presidenciais poderão erigir-se em vértice de toda a frustração nacional. Vencerá o pior, porque já não são poucos os que crêem na necessidade de precipitar o desastre para que a solução apareça.

Rubem de Azevedo Lima